

Mascarenhas, o líder da vitória

Paulo César de Castro*

A doutrina do Exército Brasileiro (EB) resume nos verbos ser, saber e fazer os pilares básicos da liderança militar¹. O primeiro refere-se ao senso moral, o segundo, à proficiência profissional e o terceiro, a atitudes adequadas. O modelo de requisitos da liderança no Exército dos Estados Unidos da América reafirma aqueles mesmos verbos: ser, saber e fazer². O Exército Americano aborda o tema sob a forma de atributos e competências, conceitos contemplados, também, pela doutrina do EB. Em síntese, tenho afirmado que o líder militar deve:

- ser exemplo de soldado e cidadão;
- saber conquistar e conduzir corações e mentes;
- fazer o que tem que ser feito.

Entretanto, reflexões sobre o tema têm-me conduzido, invariavelmente, a um quarto verbo, o querer. Convença-me que, lá das profundezas da alma

do soldado, emerge uma decisão que só a ele pertence: querer ser líder militar.

2015 é o ano em que se comemora o septuagésimo aniversário do “Dia da Vitória”. Entre as armas que triunfaram na Segunda Guerra Mundial perfilam-se as da Força Expedicionária Brasileira (FEB), comandada pelo General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes. Nesse contexto e à luz da doutrina de liderança militar, este artigo destaca atitudes, iniciativas e decisões do General Mascarenhas e demonstra que o ínclito chefe militar despenda como paradigma de líder, exemplo para a atual e futuras gerações de combatentes.

A RESPOSTA AO CONVITE³ – LIÇÃO DE SOLDADO

25/H1 – Urgente – 9 – VIII – 1943 – Cifrado
General Mascarenhas São Paulo.

Consulta prezado camarada se aceita comando de uma das divisões que constituirão Corpo Expedicionário pt Impõe-se resposta urgente porque caso afirmativo fará estágio Estados Unidos pt

(a) General Eurico Dutra – Ministro da Guerra.

* General-de-Exército, sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



Esse radiograma foi entregue, a 10 de agosto de 1943, ao comandante da 2ª Região Militar (RM), em sua própria residência. Como se vê, a resposta foi imediata:

General Dutra – Rio – Urgentíssimo – De São Paulo – 20-40 – 10 – VIII 1943 – 17,15
345 – Muito honrado e com satisfação respondendo afirmativamente consulta Vossa Excelência acaba fazer-me vg em rádio 25/H1.

(a) General Mascarenhas de Moraes –
Comandante 2ª RM.

Ato contínuo e confidencialmente, o General (Gen) Mascarenhas relatou o ocorrido a sua esposa que o apoiou sem pestanejar: “Estou de pleno acordo”.

Tudo transcorreria a exemplo da artilharia-revólver de Mallet, própria dos que se destacam pelo espírito militar, senso de cumprimento do dever e dedicação integral ao serviço da pátria, atributos comuns ao Patrono e a Mascarenhas. Este havia assumido em março de 1943 o comando da 2ª RM e, também sem perda de tempo, intensificara a instrução da tropa, em face da possibilidade de preparação de um corpo expedicionário, decidida pelo governo naquele mesmo mês. Um comandante com visão de futuro iria liderar a FEB.

Sua mensagem ao Ministro Dutra foi clara, simples e concisa: quero liderar uma divisão de infantaria expedicionária. Quero comandar em combate!

OS PRIMEIROS DESAFIOS

Mascarenhas passou velozmente da decisão à ação. Deixou o comando em São Paulo a 17 de agosto e viajou para o Rio de Janeiro a fim de iniciar o preparo de sua tropa. Para tal, enfrentou e superou obstáculos de toda a sorte no âmbito governamental e no seio do próprio Exército.

Manejando as armas da burocracia, brasileiros pouco dignos dedicaram-se a vil ação retardadora. Os eventos que se seguem e suas datas bem ilustram o que o determinado General enfrentou.

Apenas a 7 de outubro foi designado para organizar e instruir a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE). Contudo, as unidades permaneceram no âmbito de seus comandos regionais. Segundo expressou-se o próprio General Mascarenhas: medida insensata!

Os entraves continuaram a surgir, posto que o decreto de sua exoneração do comando da 2ª RM só foi assinado a 22 de outubro, e sua designação oficial como Comandante da 1ª DIE, apenas a 28 de dezembro, poucos dias antes do regresso do general de viagem à África e à Itália.

Preparar a FEB significou mobilizar unidades, concentrá-las no Rio de Janeiro, dotá-las de efetivos similares aos das norte-americanas e adestrá-las segundo a doutrina do Exército Americano. Em outras palavras, realizar rápida, eficiente, eficaz e efetiva transformação na cultura militar vigente.

Consciente dos obstáculos a vencer, o General Mascarenhas aproveitou viagem do Ministro da Guerra aos EUA e submeteu-se com pleno êxito, em hospital particular, a delicada cirurgia, fato não noticiado pela mídia. Essa cirurgia acentua a firme disposição de um general combatente de querer liderar expedicionários no teatro de operações. Na solidão do comando, viveu momentos de rara tensão, sem permitir que contaminassem o moral da tropa que preparava. Ele fez o que tinha que ser feito.

A PRESENÇA JUNTO À TROPA

“Onde está a bateria, está o seu capitão”, ensinava Salomão da Rocha. Mais do que ensinar, permaneceu até a morte junto à sua subunidade, a 4ª Bateria do 2º Regimento de Artilharia a Cavalos. Em Canudos,



General João Baptista Mascarenhas de Moraes, fotografado durante a campanha da FEB na Itália

naquele 4 de março de 1897, tombou abraçado a seus canhões⁴.

Mascarenhas observou fielmente a magnífica lição de Salomão da Rocha. Transformou-a em: “Onde está a divisão, está o seu general”. Autêntico líder, tinha consciência de que deveria embarcar para a Itália com o primeiro escalão da FEB. Junto com seus comandados, decidiu enfrentar os riscos da travessia do Atlântico, infestado de submarinos inimigos. Assim não pensava o General Dutra, o que obrigou o comandante da 1ª DIE a argumentar obstinadamente até demover o Ministro e, assim, embarcar no navio transporte General Mann, na noite de 30 de junho para 1º de julho. Mascarenhas afirmou que sua presença a bordo atestava a dignidade de seu comando⁵. Uma vez mais, fez o que tinha que ser feito.

“[...] O que me leva mesmo ao front é o fato de que eu gosto muito de estar lá, de estar perto dos soldados. Eles me dão coragem e me rejuvenescem⁶.” Essas palavras pertencem ao General Santos Cruz, comandante da brigada de intervenção das Nações Unidas no Congo, desde julho de 2013. Este chefe militar retoma a doutrina de Salomão da Rocha: “onde está sua brigada, está seu general”⁷.

A presença junto à tropa é indispensável ao exercício da liderança em qualquer escalão, tão válida na era do conhecimento quanto fora na era industrial. Assim se fortalece o moral de comandados e de coman-



dantes e se conquistam e se conduzem corações e mentes.

A VERDADE E A SOLIDÃO DO COMANDO⁸

Imagine-se a dura realidade de um comandante, recém-chegado ao teatro de operações (TO), ao se deparar com situações vexatórias: a decepção das autoridades norte-americanas com o estado sanitário da tropa; a imprestabilidade dos uniformes, agasalhos e calçados; e, até mesmo a alimentação, quase toda norte-americana.

Restou-lhe recorrer a seu superior no TO, o General Mark Clark, comandante do V Exército. Na solidão do comando, o General Mascarenhas precisou vencer aquelas dificuldades logísticas e seus desdobramentos morais. Jamais deixou transparecer seus sentimentos íntimos, o que teria afetado negativamente o moral de sua tropa. Manteve a fé na missão. Providenciou para que o treinamento físico e a ordem unida fossem intensificados, a par de promover solenidades cívico-militares, como as dos dias do Soldado e da Pátria. Simultaneamente, a 1ª DIE recebia armamento, munição, viaturas, equipamentos, material de comunicações e outros itens, novidades só então apresentadas aos expedicionários.

Naquele contexto, foi possível instruir, adestrar, realizar exercícios-teses e empregar em combate o primeiro

escalão da FEB. Os escalões seguintes pagariam elevado preço por sua preparação incompleta. Com o tempo e a experiência adquirida em sucessivas operações, entretanto, converteram-se em guerreiros veteranos.

O General Mascarenhas tinha plena consciência da verdade, de suas causas e consequências. Simultaneamente, sabia que sua missão consistia em enfrentar os obstáculos, vencê-los e conduzir sua divisão à vitória. Posto à prova desde a chegada à Itália, mostrou-se equilibrado sob tensão, decidiu, superou os obstáculos e, como já demonstrara no Brasil, foi exemplo de soldado e de cidadão brasileiro.

AS ARMADILHAS DA INDIGNIDADE

Todo comandante espera que o inimigo prepare armadilhas e instrui sua tropa para evitá-las e neutralizá-las. Inesperado e surpreendente foi constatar que alguns oficiais são capazes de macular a honra militar e tramar contra o próprio comandante.

O caráter, a integridade e a estatura moral do General Mascarenhas superaram a ambição, a indignidade e a mesquinhez de alguns durante a campanha da Itália, em duas oportunidades.

A primeira armadilha moral foi ativada quando da visita do Ministro

Dutra à Divisão, em outubro de 1943. A trama⁹ consistiu em convencer o Ministro da conveniência de reestruturar a força expedicionária designando o General Zenóbio para o comando da 1ª DIE e atribuindo ao General Mascarenhas o comando geral da FEB. Dutra parece não ter concordado, mas seus autores levaram a proposta ao comando norte-americano, por intermédio do General Wooten.¹⁰

A 1ª DIE, ainda incompleta, sequer entrara em linha e, pior ainda, o General Mascarenhas só tomou ciência da indignidade por intermédio do General Clark que o consultou sobre a ideia em apreço. Ante a firmeza da opinião contrária do surpreso Mascarenhas, Clark, igualmente firme, apoiou-o e disse-lhe que “em assuntos da FEB, o desejo do General Mascarenhas era (também) a sua vontade¹¹”.

O episódio evidenciou os sólidos vínculos afetivos já então estabelecidos entre o comandante brasileiro – liderado – e o norte-americano – seu líder –. O inter-relacionamento no campo de batalha forjara laços de mútua confiança, lealdade, respeito, camaradagem e fé na missão, indispensáveis à vitória militar, objetivo de ambos.

A segunda armadilha foi articulada¹², maquiavelicamente, no Rio de Janeiro. Apresentou-se ao Ministro

da Guerra – que concordou – sob o nome de rodízio, a proposta de substituição de todos oficiais que completassem seis meses na Itália. O General Mascarenhas sequer foi consultado e, para agravar tão repugnante trama, o rodízio seria executado às vésperas da Ofensiva da Primavera. Vale dizer, a experiência adquirida em combate e a intensa instrução ministrada durante a defensiva de inverno seriam lançadas na lata do lixo em prol de ambições pessoais inqualificáveis.

Mascarenhas só se deu conta da armadilha quando soube de que fora pedido transporte aéreo norte-americano para executar a indigna manobra. O general, ao receber ordem formal do General Dutra¹³, adiou *sine die* sua execução. A autorização de transporte aéreo dependia do comandante do V Exército, já então o General Truscott. Imediatamente, este general convocou uma reunião com o General Crittenberger, comandante do IV Corpo de Exército (IV CEx), e o General Mascarenhas. Os norte-americanos mostraram-se abismados e os três concordavam quanto à insensatez e ao absurdo que o rodízio representava. A solução acordada foi atender, tão somente, aos pedidos de transporte aéreo que, a critério do general brasileiro, contribuíssem para o êxito da missão da FEB.



O General Mascarenhas aproveitou, discreta e habilmente, aquela oportunidade para repatriar alguns oficiais, por motivos de saúde ou de inadaptação. Deixou para as futuras gerações duas lições de ouro: o líder faz o que tem que ser feito, doa a quem doer. O líder orienta-se pela missão, custe o que custar.

A FÉ NA MISSÃO

Em Porretta Terme, vale do Reno, instalou-se o posto de comando avançado (PC Avcd) da 1ª DIE. A área foi alvo constante dos fogos da artilharia pesada alemã durante toda a defensiva de inverno. O General Crittenberger insistiu, inúmeras vezes, para que Mascarenhas o recusasse, sugestão sempre recusada pelo determinado general brasileiro. Argumentava que, quando se movimentasse, haveria de ser para a frente, não para a retaguarda¹⁴.

A par de denotar coragem física pessoal, a localização do PC Avcd contribuía para encorajar seus comandados, com eles compartilhar os riscos da guerra e fortalecer-lhes o moral. Entre diversas visitas, em Porretta Terme Mascarenhas recebeu o Marechal Sir Alexander, comandante do teatro de operações do Mediterrâneo. Almoçaram juntos, sob cons-

tante bombardeio inimigo. À saída, o marechal agradeceu ao general brasileiro a salva de 21 tiros que providenciara junto aos alemães, posto que ele, como marechal, só tinha direito a 18 tiros¹⁵. O respeito e a confiança recíproca fortaleceram-se após aquele episódio vivido pelos dois chefes militares, soldados de corpo e alma.

O General Mascarenhas tinha fé na missão, seu objetivo estava à frente, a vitória.

A CONQUISTA DE CORAÇÕES E MENTES

A história das armas brasileiras foi enriquecida no Vale do Serchio pelas vitórias de Massarosa, Camaione e Monte Prano. Naquela zona de ação a FEB sofreu seu primeiro insucesso, a tentativa de conquistar Castelnuovo di Garfagnana. Enquanto o Destacamento FEB, sob o comando do General Zenóbio, atuava no Serchio, Mascarenhas desdobrava-se entre a supervisão do combate e as ações consequentes da chegada do grosso de sua Força. Cabia-lhe estacionar, instruir, adestrar, armar, fardar, equipar, alimentar e atualizar a doutrina das unidades recém-desembarcadas além de, simultaneamente, receber e visitar autoridades militares e civis aliadas e brasileiras.

Considerações estratégico-operacionais levaram o General Clark a

promover a FEB ao primeiro time do V Exército, o que implicou sua rocada para o vale do Reno, frente na qual o combate se afigurava mais desafiador. Nela, de novembro de 1944 a fevereiro de 1945, nossos pracinhas conduziram a defensiva de inverno, o que não os poupou de ações ofensivas preliminares como os frustrados ataques a Monte Castelo, dois sob comando norte-americano e outros dois sob comando brasileiro.

Naquela frente montanhosa, com chuva, lama e neve, o General Mascarenhas tornou-se de fato comandante de uma divisão de infantaria expedicionária em combate, sem descurar de sua responsabilidade como comandante da FEB. Refletiu e mudou seu estilo de comando. Sentiu o amargo impacto emocional dos reveses ante Monte Castelo, mas reagiu como o líder em que todos confiavam: intensificou a instrução; providenciou o material ainda não recebido; preparou animicamente seus homens; adotou medidas disciplinares; centralizou o planejamento; ouviu seu estado-maior; garantiu a seu comando superior que a DIE tinha capacidade ofensiva; recebeu ordens para participar da “Ofensiva do IV Corpo”; aprovou a ordem de operações e Monte Castelo caiu em mãos brasileiras.

A memorável vitória de 21 de fevereiro de 1945 empolgou os combatentes e a população brasileira. Havia sido a primeira manobra planejada e executada pela 1ª DIE. O General Mascarenhas recebeu efusivos cumprimentos do General Crittenberger que destacou o meticuloso plano de Estado-Maior, a excelente supervisão do campo de batalha, a disciplina de fogo e coordenação com a 10ª Divisão de Montanha, vizinha da 1ª DIE¹⁶.

Mascarenhas inspecionou as tropas dois dias após a conquista do Castelo. “Eram visíveis o seu orgulho e alegria pelos resultados alcançados. Algumas praças, não podendo conter seu entusiasmo, correram desabridamente ao seu encontro aos gritos de ‘Viva o General!’ Se não lhe ergueram novos urras, foi porque o bravo chefe... limitou-se a cumprimentá-los com um leve aceno, enquanto galgava as últimas escarpas entre grupos que se erguiam, respeitosos, à sua aproximação¹⁷”.

O General Mascarenhas havia conquistado corações e mentes de seus comandantes norte-americanos e, principalmente, de seus liderados.

O DIÁLOGO DOS GENERAIS

À conquista de Monte Castelo seguiu-se a de Castelnuovo, ratificação do valor ofensivo da 1ª DIE e último



ataque coordenado da chamada “Ofensiva do IV Corpo”.

Após breve atitude defensiva, o General Mascarenhas foi alertado (27 de março) sobre a ofensiva seguinte, da qual participariam todas as forças aliadas presentes na Itália. Recebida a missão, planejou-a e observou que se reservara papel assaz secundário aos brasileiros. Em 8 de abril deveriam comparecer ao posto de comando do IV CEx todos os comandantes de divisão e expor seus planos para aquela operação de grande envergadura.

Na oportunidade, o General Hays, comandante da 10ª Divisão de Montanha, mostrou-se apreensivo com o pesado encargo ofensivo que recebera. Era tudo o que Mascarenhas esperava. Expôs seus planos e sugeriu que o limite entre a DIE e a 10ª de Montanha fosse alterado, pelo que caberia aos brasileiros conquistar Montese. Seguiu-se o seguinte diálogo entre os altos chefes militares¹⁸:

Gen Hays: “—*Tem o comandante da divisão brasileira a certeza de tomar Montese?*”.

Gen Mascarenhas! “— *Sim, tenho. Mas quero também saber se o General Hays tem a certeza de aproveitar o sucesso brasileiro sobre Montese*”.

Aplausos da assistência acolheram a sugestão do nosso general¹⁹. Palco da mais árdua e sangrenta vitó-

ria brasileira, Montese foi conquistada em 14 de abril, tendo nossa gente suportado intenso fogo inimigo durante os extenuantes dias seguintes.

O General Mascarenhas impôs-se no seio de seus pares e demonstrou plena confiança nos valores morais e na competência profissional da força que liderava.

Apoio de fogo versus rapidez²⁰

Em Montese, a 1ª DIE iniciou o aproveitamento do êxito e apossou-se, sucessivamente, de Zocca (21 de abril) e de Vignola (22 de abril). A 23, foi recebida a decisão do comandante do IV CEx de iniciar a perseguição. Ao General Mascarenhas incumbia deslocar-se, o mais rápido possível, para noroeste, a fim de impedir a passagem de forças inimigas para o norte do rio Pó. Em outras palavras, haviam mudado o tipo de operação e a direção de emprego. Rapidez passou a ser fator preponderante para qualquer linha de ação.

O Gen Mascarenhas convocou imediata reunião para a própria noite de 23 de abril, em seu posto de comando avançado, desdobrado em C. Grotti, pouco ao norte de Zocca. Eis que, então, o General Zenóbio, o General Cordeiro de Farias e alguns oficiais do estado-maior ouviram de seu comandante que, naquele contexto, a rapidez preponderava sobre o apoio

de fogo, pelo que, considerando que os regimentos de infantaria não haviam recebido até então suas viaturas orgânicas, caberia à artilharia transportar nossos infantes nas viaturas tratoras dos obuseiros.

Essa solução primou pela criatividade, ousadia, adaptabilidade e assunção de riscos. Executou-a eficazmente o General Cordeiro, comandante da Artilharia Divisionária, tendo os artilheiros organizado modular serviço de transporte.

Ao saber da iniciativa do Gen Mascarenhas, Gen Crittenberger perguntou-lhe:

“– Onde o senhor aprendeu a tomar aquela decisão?”

“– Aqui na guerra, sob a orientação de meus chefes” (Mascarenhas)

“– O senhor certamente aprendeu em seu País, ao longo de sua carreira militar, adquirindo a indispensável cultura profissional de que os chefes se valem nos momentos difíceis”

(Crittenberger)²¹.

A perseguição foi vigorosamente executada e coroada pela manobra de Collechio – Fornovo, notável feito das armas brasileiras que redundou na rendição incondicional da 148ª Divisão de Infantaria alemã e de remanescentes da Divisão Itália, inclusive os respectivos generais comandantes (29 e 30 de abril).

Líder e liderados fizeram o que tinha que ser feito e, uma vez mais, deram provas de serem exemplos de soldados.

O CARÁTER E A GRATIDÃO

De regresso à terra natal, o vitorioso comandante da FEB foi alvo de calorosas homenagens, expressões legítimas da gratidão nacional. Condecorações não lhe faltaram, nacionais e estrangeiras. Entretanto, “a glória do General Mascarenhas simplesmente incomodava aqueles que vaidosamente se consideravam a cúpula do Exército; não queriam lhe ceder um lugar, nem aceitavam conviver com ele”.²² O invicto comandante transformara-se em estorvo²³ para a administração militar.

Eis porque, após 47 anos em serviço ativo e consciente de sua situação no Exército, o general pediu transferência para a reserva, oficialmente publicada em agosto de 1946.

A Assembleia Constituinte, prontamente, a tudo e a todos respondeu. Em setembro do mesmo ano, manifestou, uma vez mais, o elevado respeito e a sincera gratidão do povo brasileiro, concedendo ao General-de-Divisão Mascarenhas de Moraes honras de marechal do Exército. Desde então, Mascarenhas recolheu-se a sua residên-



cia e à vida privada, mantendo distância das lides políticas e militares.

Entretanto a Nação não condenara ao ostracismo o comandante de seus pracinhas e, muito menos, prescindia de seus serviços e experiência ímpar. Eis que, em sessão solene de 12 de outubro de 1951, foi investido pelo Congresso Nacional no posto de marechal e reverteu ao serviço ativo, em caráter vitalício.

O líder reafirmara seu sólido caráter e recebera a medalha suprema, a gratidão da nação brasileira.

CONCLUSÃO

As comemorações do septuagésimo aniversário da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial permitem refletir sobre a significativa contribuição de nossas forças armadas para a causa aliada. Ensejam, igualmente, reavivar os feitos da Força Expedicionária Brasileira no teatro do Mediterrâneo.

Nos campos de instrução brasileiros e nos campos de batalha italianos tornaram-se exponenciais os atributos de liderança do General João Baptista Mascarenhas de Moraes. Este artigo procurou demonstrar que ele: foi e é exemplo de soldado e de cidadão; soube conquistar e conduzir corações e mentes; fez o que tinha que ser feito; e quis ser líder militar.

A homenagem maior que as gerações atuais e futuras podem lhe render é seguir o seu exemplo.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Estado-Maior do Exército. *Manual de Campanha C 20-10, Liderança Militar, 2ª ed. N° 3-3*. Brasília: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 2011.

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.

CRITTENBERGER, Willis D. Major-general, comandante do IV Corpo de Exército. Em: 26 de fevereiro de 1945. In: MEIRA MATTOS, Carlos. *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*, v.I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983.

MEIRA MATTOS, Carlos. *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*, v.I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983.

MORAES, J. B. Mascarenhas de. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

_____. *A FEB pelo seu Comandante*. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1960.

USA, Estado-Maior do Exército. Publicação Doutrinária do Exército (em tradução livre) ADP 6-22, In: *Army Leader Development Strategy*, p. 7. Washington, 2013.

WALTERS, Vernon. Silent Missions. In: MEIRA MATTOS, Carlos. *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*, v.I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983.

NOTAS

- 1 BRASIL, Estado-Maior do Exército. *Manual de Campanha C 20-10, Liderança Militar, 2ª*



- ed. N° 3-3. Brasília: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias: 2011.
- 2 USA, Estado-Maior do Exército. Publicação Doutrinária do Exército (em tradução livre) ADP 6-22, de agosto de 2012, in Army Leader Development Strategy. Washington, 2013, p.7.
 - 3 MORAES, J. B. Mascarenhas de. Memórias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984, p.131.
 - 4 Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Salomão_da_Rocha. Acesso em 11 de junho de 2015.
 - 5 MORAES, J. B. Mascarenhas de. Memórias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984, p.143.
 - 6 CLUBE MILITAR, Revista. N° 453, pág. 20. Rio de Janeiro: 2015. Idem: REVISTA ISTO É, 14 de maio de 2014.
 - 7 O General Santos Cruz permanece no comando ainda quando redijo este par
 - 8 MORAES, J. B. Mascarenhas de. A FEB pelo seu Comandante. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1960, p.31.
 - 9 MEIRA MATTOS, Carlos. O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época. Volume I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983, p.160.
 - 10 Comandante das Forças Aéreas dos EUA no Atlântico Sul, cujo comando era sediado em Natal, Rio Grande do Norte. O Gen Wooten integrou a comitiva do Ministro Dutra.
 - 11 MORAES, J. B. Mascarenhas de. Memórias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984, p.199.
 - 12 MEIRA MATTOS, Carlos. O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época. Volume I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983, p.161-162.
 - 13 MORAES, J. B. Mascarenhas de. Memórias, Volume I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984, p.239.
 - 14 WALTERS, Vernon. Silent Missions. In: MEIRA MATTOS, Carlos. O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época. Volume I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983, p.142.
 - 15 Idem, p. 156.
 - 16 CRITTENBERGER, Willis D. Major-general, comandante do IV Corpo de Exército. Em: 26 de fevereiro de 1945. In: MORAES, J. B. Mascarenhas de. A FEB pelo seu Comandante. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, julho de 1960, p.154.
 - 17 CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. O Brasil na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.
 - 18 MORAES, J. B. Mascarenhas de. A FEB pelo seu Comandante. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1960, p.190-208.
 - 19 O Gen Meira Mattos confidencia que Mascarenhas já levava esta carta na manga ao partir para a reunião com o Gen Crittenberger. Ob. cit. página 178.
 - 20 MORAES, J. B. Mascarenhas de. A FEB pelo seu Comandante. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1960, p.220-246.
 - 21 MEIRA MATTOS, Carlos. O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época, v.I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983, p.186-187.
 - 22 Idem, v.2, p. 235.
 - 23 Idem, Ib.